

INFORMAFRICATIVO

EMEF/EJA Oziel Alves Pereira

Africanidades Cotidianas

Diretor: Aziz Julio Salles Ramos **Vice diretores:** Fernanda Maria Bistetter Ferreira e Vladenir Ap. Penariol Silva
O. Pedagógica: Ana Rosa Mobilon

Responsáveis: Wilson Queiroz – wilsonq10639@gmail.com e Fabricia Martins Gomes – fabrimar@ig.com.br **Endereço:** Rua Fauze Selher, s/n, Parque Oziel - Campinas - São Paulo - **CEP:** 13049-066 - **Fone:** 3269-6232
15ª edição – Outubro 2014 – 1500 exemplares

Aos 7 anos de idade,
começou a trabalhar
como empregada
doméstica

Aos 20 anos, se
tornou ativista da
Frente Negra
Brasileira, em
Santos S.P.

Aos 32 anos,
criou uma
Associação
das
Empregadas
Domésticas

Com 16 anos
começou a atuar em
organizações
de mulheres negras

LAUDELINA
DE CAMPOS

Fundadora do primeiro Sindicato de Trabalhadoras Domésticas do Brasil, Laudelina de Campos Mello lutou por sua categoria durante 70 anos. Nasceu em 12 de outubro de 1904, em Poços de caldas, MG. Seus pais eram negros alforriados pela Lei do ventre Livre, em 1871. Integrou-se então ao Movimento Negro de Campinas. Em 1961, obteve o apoio do Sindicato da Construção Civil de Campinas para fundar, em suas dependências, a Associação de Empregadas Domésticas de Campinas. A Associação atuou em diferentes frentes, especialmente na luta contra o preconceito racial. Cerca de 1200 trabalhadoras domésticas compareceram ao ato de inauguração da associação, em 18 de maio de 1961.



Kizomba

Valeu, Zumbi/ O grito forte dos Palmares/Que correu terra, céus e mares/Influenciando a abolição
Zumbi, valeu/ Hoje a Vila é Kizomba/ **É batuque, canto e dança/** Jongo e Maracatu/ **Vem, menininha/**
Pra dançar o Caxambu/

ô,ô, Ô,ô
Nega mina

Anastácia não se deixou escravizar

Percepções e aprendizagens de uma professora do Oziel

Por Maria José dos Anjos – Outubro de 2014

O livro intitulado “Professoras Negras Identidades e práticas no enfrentamento do racismo no espaço escolar” da autora Claudilene Maria da Silva analisa inicialmente a percepção das professoras negras da Rede Municipal de Ensino do Recife sobre a questão étnico-racial na sala de aula. Por meio do método biográfico a pesquisadora busca analisar e compreender em que medida as professoras pesquisadas se apercebiam das manifestações do racismo na escola, quais eram suas dificuldades e como elas lidavam com a questão étnico-racial em suas salas de aula.

O pressuposto inicial da autora era que a escola como instituição reproduzia o racismo e, portanto, necessitava de estudos que trouxessem à tona suas manifestações no espaço escolar, visto que a instituição estava imersa em seu silenciamento sobre a questão étnico-racial e mesmo percebendo as práticas discriminatórias, a instituição resistia em discutir a questão.

“A escola como uma instituição que reproduz o racismo, como ideologia e como prática de relações sociais que inviabiliza e imobiliza as pessoas, inferiorizando-as e desqualificando-as em função da sua raça ou cor (2013, p:30).

A autora aponta a necessidade e a importância dos processos formativos com referências positivas sobre a história e a cultura negra na constituição da prática docente, discente e gestora da instituição escolar, tanto na sua dimensão inicial, quanto na dimensão continuada. Algumas professoras pesquisadas têm se valido do que aprenderam em suas experiências da vida pessoal para dar conta, de alguma forma e ainda que com insegurança, do tratamento pedagógico da questão. Elas apresentam muita vontade de contribuir com o



desvelamento do racismo no espaço escolar, ao mesmo tempo em que esbarram nos limites pessoais e institucionais. Elas acreditam na necessidade de continuar ou iniciar um trabalho voltado para o tratamento pedagógico do tema.

A intervenção das professoras está intrinsecamente associada ao seu próprio processo de construção da identidade étnico-racial. Conseqüentemente, a construção identitária dos sujeitos é um elemento fundamental do processo de desconstrução/reconstrução das práticas curriculares que são vivenciadas no interior das escolas, sendo responsáveis pela manutenção do racismo no espaço escolar.

Além da importância da formação continuada, de desenvolver estratégias que envolvam as crianças em brincadeiras e atividades lúdicas e práticas artísticas que possuem o enfoque das relações étnico-raciais, pode-se buscar também aliados importantes e influentes na escola (Diretor, Orientadora pedagógica) para trabalhar a temática, atividades além dos limites da sala de aula, atividades que também possibilitem visibilidade em toda a escola.

Existe sim uma resistência da comunidade escolar em realizar esse debate e tratá-lo pedagogicamente. Mas existem também algumas iniciativas que se dispõem a enfrentar a questão, isto é, existem no interior da escola uma silenciosa disputa étnico-racial entre os que acreditam na necessidade de discutir a temática no cotidiano da escola contribuindo com o fortalecimento da identidade e a elevação da autoestima dos alunos negros; e aqueles que não acreditam nessa possibilidade em função do racismo internalizado que vivenciam, e dessa maneira continuam reproduzindo racismo em seus alunos negros e brancos.(SILVA, Claudilene M. Professoras Negras: construindo identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar. Recife:Ed Universitária UFPE, Recife, 2013.)

(In)formação...

Maria José Anjos é pedagoga formada pela UNICAMP, com especialização em Educação de Jovens e Adultos, trabalha na EMEF Oziel, desde a “escola de lata”, desde 2004, leciona com alunos do 1º ao 5º ano. Participando do COLE – Congresso de Leitura da Unicamp, em 2014, teve a oportunidade de adquirir o livro, o qual fez uma resenha e agora oportuniza a todos os conhecimentos com ele possibilitados.

Neste sentido a professora Maria José Anjos, nos aponta: “além da obrigatoriedade de trabalharmos a questão étnico-racial na escola, faz-se necessário para mim, saber cada vez mais sobre a História e a Cultura do povo africano e seus descendentes visto que vivenciamos constantemente cenas de racismo e nem sempre sabemos lidar adequadamente. O livro da pesquisadora Claudilene contribui bastante para essa construção e entendimento, mas é preciso muito mais. Precisamos de cursos, bons cursos de formação com pessoas realmente capacitadas, que realmente estejam dispostas a contribuir na construção, na reflexão e na transformação de todos.

Uma boneca negra!

Por Andréia Aparecida Teixeira - 18.10.2014 - Merendeira e ex-aluna da E.J.A

Meu nome é Andréia, tenho 38 anos e tenho uma história para contar. Quando eu tinha 15 anos de idade, conheci um lindo rapaz negro eu me apaixonei por ele e ele por mim.

Naquela época, não era igual a esse tempo de agora que podia namorar a vontade, era mais rígido.

O rapaz negro que eu me apaixonei quis pedir minha mão em namoro. Eu fui primeiro conversar com o meu pai, para falar pra ele que eu tinha conhecido um rapaz e ele queria namorar comigo em casa, eu disse também que o rapaz era negro.

Quando eu disse que o rapaz era negro, ele me xingou tanto e me humilhou e ainda me disse que me desconhecia como filha e que eu só poderia está comendo merda, por querer namorar um negro. Neste dia faltou pouco para eu levar uma surra do meu pai.

Esse rapaz negro era um homem trabalhador, inteligente e bonito. Infelizmente não namorei com ele, pois meu pai não aceitou o namoro, pois ele era racista e ainda é.

Enfim, o rapaz negro que eu quis tanto namorar casou-se com uma outra pessoa.

Talvez se meus pais tivessem aceitado o namoro eu não tivesse sofrido tanto. Deixei de namorar com um rapaz negro, pelo fato de ter um pai racista e que sequer admitiu a possibilidade de ter uma filha namorando com um rapaz negro.

Trago comigo algumas questões deste processo. O que seria dos brancos, se não fossem os negros? Na época da escravidão os negros suportaram as chibatadas. Se um branco recebesse as chibatadas que os negros recebiam e ainda recebem com as ações racistas na sociedade, talvez tivessem a compreensão do que realmente aconteceu e acontecem e compreendessem melhor a escravidão que aconteceu no Brasil e suas marcas atuais.

Embora na sociedade ainda tenhamos muitas pessoas racistas, querendo ou não, os negros são fortes e conseguem sobreviver. Lembro que até pouco tempo era difícil ver um negro cursando uma faculdade, mas já vemos que as coisas estão mudando e os negros continuam lutando e conquistando seus direitos.

Acho a cor das pessoas negras bonita e forte. Gosto da cor negra e por esses e muitos outros motivos eu quis comprar uma boneca negra para minha família. Foi difícil encontrar, mas agora que encontrei e eu quero comprar um boneco negro.

Às professor@s com carinho...

Raquel Duarte Cardoso – Outubro de 2014

Olá professores, hoje é seu dia..Rsrs...Primeiro parabéns.... Quero agradecer por tudo que me ensinam.... Com vocês podemos aprender muito mais sobre os negros... Admiro a todos pela coragem, pela fé e responsabilidade...Aprendi que não podemos julgar as pessoas por causa da cor, da raça,e etc..Mas sim pelo caráter... Que é o que vocês têm, ainda é raro encontrar pessoas que tenham tamanha força para combater o preconceito e principalmente o racismo. Parabéns professores, o teu dia não é só hoje. Pois vocês educadores merecem todo o respeito e carinho, pois fazem de tudo para nos ensinar e às vezes quando chamam nossa atenção é porque querem nosso bem... Deixo aqui a minha mais singela homenagem, que vocês continuem sendo essas pessoas maravilhosas e que nos orientam na superação dos preconceitos e desigualdades sociais.